

## Apresentação

---

### Carnaval: cultura e a educação das relações étnico-raciais – imagem do íbero-ásio-afro-ameríndio

A revista *Extraprensa* nesta edição fala sobre “carnaval”, esta festividade do período medieval que foi definida pelo pensador russo Mikhail Bakhtin como a subversão pelas inversões, o momento no qual as estruturas hierarquicamente rígidas das sociedades europeias do período medieval eram ressignificadas subversivamente pelos segmentos sociais subalternos, gerando uma expressão estética que exprime o sentido etimológico da palavra carnaval (“a procissão dos deuses mortos”).

É fato que quando Bakhtin faz este estudo, ele se refere às culturas populares europeias e o seu caráter libertário que se transforma em potencial criativo. Era um momento de suspensão temporária das rígidas hierarquias. Podemos falar do carnaval, assim, como um “tempo liminar das minorias”, conceito proposto por Hohmi Bhabha para explicar os momentos pontuais em que os grupos minoritários expressam pontualmente suas diversidades impedindo a plena homogeneização cultural a partir da perspectiva hegemônica global. Porém, Bhabha esclarece que este tempo liminar é provisório, ao mesmo tempo que constitui um campo de diferenciação não se constitui, necessariamente, como contraposição sistêmica que sinaliza para um conflito no sentido finalista. É o jogo da *différence* de Jacques Derrida.

Os artigos aqui apresentados refletem sobre o carnaval apropriado como expressão da cultura de matriz africana. O sentido de subversão e diferenciação assume a perspectiva das relações raciais. O contexto sistêmico de opressão racista contra negras e negros no Brasil expresso, por exemplo, pela subalternização

na vida profissional, política, econômica, é subvertido no cenário cultural não apenas com a presença negra no protagonismo dos eventos carnavalescos, mas com a impressão das marcas de uma cultura que, segundo Muniz Sodré, é dimensão essencial da cultura brasileira. Assim, o carnaval expressa alegremente a imagem real de um país que se denega – um país “americano”.

Por isto, a subversão bakhtiniana no caso do carnaval brasileiro tem um caráter singular: arruma o espelho infiel de um país que se nega a ver como uma nação não branca. Se este momento é meramente pontual, liminar, tópico, como dizem alguns pensadores, é caso para discussão. O que é fato é que tal expressão constituiu um circuito de sociabilidades, arranjos produtivos próprios e, diante disto, um jogo de forças sociais que merece ser refletido.

Os autores que colaboraram com esta edição foram convidados pelo professor Celso Prudente, da Universidade Federal do Mato Grosso e pesquisador do Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação (CELACC), a trazerem as várias perspectivas teóricas para se pensar o carnaval dentro deste escopo. Com este dossiê, o Celacc espera contribuir com esta importante reflexão. Se este ano, as festas de carnaval foram suspensas por conta da epidemia do coronavírus, as marcas dessa cultura estão indelevelmente registradas nos nossos corpos e mentes.

Boa leitura.

**Prof. Dr. Dennis de Oliveira**

Dezembro de 2020

Coordenador do Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação (CELACC)